

APRESENTAÇÃO

POESIA E CULTURA NO CONTEMPORÂNEO

A situação da poesia alterou-se significativamente nas duas últimas décadas, de modo, aliás, bem mais acentuado do que a de outros gêneros literários. O fenômeno, que não é especificamente brasileiro, se manifesta pela perda de organicidade interna, pela diminuição de espaço cultural, resultado de uma fragmentação capaz, entretanto, de comportar a diversidade e de assumir plenamente os riscos da pesquisa poética. Embora o valor dado a esse fenômeno ganhe diferentes pesos de parte a outra, pode-se concluir que está em curso uma efetiva alteração na maneira pela qual a poesia se relaciona com o passado da tradição literária, com a cultura do presente e com as promessas de futuro das novas formas de textualidade. Substancialmente, é a alteração do seu lugar social que está em jogo.

Assim, a simples constatação de que a poesia perdeu a clareza sobre suas grandes linhas de força não parece uma resposta satisfatória à gravidade do problema que se coloca. A compreensão das razões e dos desafios específicos desse esvaziamento reforça uma tarefa crítica que é a de analisar as injunções do nosso presente (injunções que não excluem, evidentemente, a própria crítica, nem a poupam). As modalidades da nova topologia estética e ideológica da poesia ainda estão por ser estabelecidas, a fim de que se possa compreender o sentido de seus deslocamentos, de suas passagens, de seus desejos de enraizamento.

Uma questão quase compulsiva nos aguarda na ponta do lápis dos repórteres e de parte da crítica universitária: *a poesia tem (um) lugar?* A pergunta tem o aspecto de uma insinuação baseada no argumento do número (quem ainda lê poesia?), e essa insinuação repercute como um desejo de sacrifício, de anu-

lação que mereceria ser analisado. Daí, a necessidade de uma outra pergunta: o que queremos excluir quando pretendemos constatar o “fim” da poesia? Mas a questão também pode ser tomada ao pé da letra: institucionalmente, culturalmente, geograficamente, qual é o espaço do qual está investida a poesia, hoje? De fato, o campo poético não escapa das setorizações advindas de um tratamento concorrencial e mercadológico da literatura, o que no limite acaba chamando a atenção para a suposta pobreza sensível do oráculo poético, tal como tradicionalmente concebido, ou seja, acessível apenas à inteligência, escassamente sonoro, modestamente visual, inevitavelmente na retaguarda dos sempre *novos* meios tecnológicos. Mas se é baixo o valor de mercado da poesia, não se pode descartar a hipótese de que algo como a *poesia* tem lugar ali onde o discurso crítico obsessivamente manifesta um questionamento sobre a situação da fala poética. A poesia, neste caso, aparece como lugar da demanda de sentido, de esperança, de beleza, de prazer – de um outro modo de ler o mundo.

Ao manifestar seu interesse pela poesia, o discurso que aponta seus limites manifesta um desejo de colocar-se fora do lugar onde julga estar. E daí surgiria uma segunda questão, igualmente importante: *o que significa, para a poesia, estar fora do lugar?* O problema do lugar ilegítimo não se refere exatamente à situação periférica, descentrada geograficamente ou economicamente, mas cada vez mais à expropriação operada pela generalização violenta e mundial da técnica, do capital, pelo esvaziamento do próprio projeto poético da modernidade. A poesia não está fora do lugar pelo fato da apropriação culturalmente ilegítima de idéias “importadas”, mas no sentido da marginalidade radical que ela experimenta dentro de um sistema de trocas no qual se elimina o espaço da alteridade, ainda (ou sobretudo) quando se reforçam os laços de sangue, nação ou crença.

Exatamente porque a questão da poesia se coloca hoje como a questão do ter lugar e do deslocamento, a *Revista de Letras* publica o texto do filósofo italiano Maximo Cacciari “Nomes de lugar: confirm”. Interessado pela questão política da globalização e do destino da Europa, o artigo pode ser lido como descrição topológica e “tropológica” do modo pelo qual se dispõe a cultura, hoje, oscilando entre a generalização in-

gênea e a localização "idiota". Assim se apresenta a "atual situação: a criação de um espaço único indiferente ao qual parecem contrapor-se identidades fechadas". O diagnóstico da variedade indefinida no campo da poesia, aliada à afirmação de projetos individuais, não está distante da constatação mais geral do filósofo, segundo a qual "a lógica imanente da 'globalização' elimina os confins e multiplica as barreiras".

Se a crise da poesia é uma crise de lugar (*topos*), de expropriação de um lugar próprio, poderíamos nos perguntar, com Cacciari, se à delimitação do lugar como continente não seria desejável (ou inevitável) pensá-lo como "confim", "o ponto ou a linha onde ele [o *topos*] entra em relação com o outro de si, onde ele 'se oferece' integralmente ao contato com o outro". Se "a linha (*lyra*) que abraça em si a cidade deve ser (...) *bem fixada*", condenando ou deixando de acolher aquele identificado ao "de-lírio", a situação da poesia não poderia ser definida senão através dos modos pelos quais se dá a conversão da lira em delírio e vice-versa, ou seja, a partir de nossa negociação com o confim.

Indiretamente, o que o texto de Cacciari nos ajuda a entender é que aquilo que a poesia experimenta na sua *situação limite*, segundo os termos disfóricos do contemporâneo, pode ser interpretado como seu modo tradicional de colocar-se no contato com a alteridade. O limite, poderíamos pensar, não é apenas a expressão da crise (segundo um termo comum da modernidade poética), como se esta fosse a linha de chegada da poesia, mas o lugar em que a crise revela-se como ponto de concentração conflituoso de uma certa experiência do mundo.

Juntamente com "Nomes de lugares: confim", em um primeiro bloco de artigos, incluímos o texto de Susana Scramim "Entre *locus* e *tropos*: *Hiléias*, de Josely Vianna Baptista e *Las Encantadas*, de Daniel Samoilovich", trabalho que dialoga diretamente com o de Cacciari, a fim de analisar a extensão da problemática instaurada pela poesia de Josely Vianna Baptista e de Daniel Samoilovich, procurando, para além do espaço geográfico, um lugar composto pela diferença.

Em um segundo bloco, encontram-se dois artigos marcados pelo deslocamento como noção que coloca em jogo o lugar da poesia. A fim de compreender as diferenças de sentido da "viagem", e conseqüentemente do lugar social do poe-

ta e da poesia, do moderno ao contemporâneo, Célia Pedrosa, em "Poesia: viagem, anti-viagem", estabelece relações entre um poema de Mario de Andrade e outro de Ítalo Moriconi, colocando em pauta a necessidade de uma releitura da tradição modernista e da própria apatia "pós-moderna". Viviana Bosi, em "Poesia em Trânsito", também se interessa pela especificidade do fenômeno do deslocamento no contemporâneo (em José Paulo Paes, Sebastião Uchoa Leite e Ana Cristina César), indicando a sobrevivência possível da "aura", no contexto da radicalização da *flânerie* moderna, que passaria da fulguração para a velocidade.

Um terceiro bloco reúne artigos sobre a poesia brasileira a partir dos anos 70, reconsiderada à luz de outros critérios de leitura e avaliação, procurando uma reconfiguração de valores autorizada pelas transformações e reavaliações da própria história literária. Em "A poesia marginal e os novos impasses da comunicação poética", Tereza Cabañas se propõe reavaliar o episódio da Poesia Marginal, a partir da reconsideração dos pressupostos que o colocaram em segundo plano do ponto de vista dos valores estéticos do moderno. Em "Cacaso não é bem o caso do acaso", Milena Cláudia Magalhães dos Santos Guidio, a partir da análise e do estímulo de poemas de Antonio Carlos de Brito, experimenta a mesma necessidade de rever esse período da história, encontrando ali bem mais um "simulacro de espontaneidade" do que uma falta de apuro técnico. Finalmente, em "Travessia e impasse: o lugar de Sebastião Uchoa Leite na poesia contemporânea", Paulo Andrade aborda de frente a questão do lugar ambíguo ocupado pela poesia, em especial a de Uchoa Leite, argumentando que a dificuldade de situá-lo tem origem no próprio projeto poético de entrecruzamento, de nomadismo, que retoma a tradição sem tê-la como modelo, reinserindo-a num campo híbrido.

É significativo que os artigos reunidos no quarto bloco, abordando a poesia portuguesa contemporânea, discutam questões muito semelhantes. Em "Os poetas sem qualidades: em busca da contemporaneidade possível", Luis Maffei apresenta ao leitor brasileiro "um grupo que propõe uma poesia, senão nova, decerto interessada na noção de qual é seu próprio lugar". Vale-se, para isso, da leitura da antologia *Poe-*

tas sem Qualidades, publicada em 2002, argumentando que a tendência a trazer para a poesia o prosaico, o pequeno, o sem qualidades, se manifesta não como uma ruptura com a tradição, mas como uma espécie de deslocamento inspirado por ela. De outro modo, em "Experimentar a poesia: a moderna *Ars Poetica* de Sophia de Mello Breyner Andresen", Leila de Aguiar Costa remete a uma obra poética já reconhecida, na qual a opção pela interrogação existencial, por assim dizer "ontológica", entretanto, tem recolocado a necessidade de pensar a partir de novas bases a relação entre poesia e experiência, entre obra e alteridade.

Por fim, o texto de Denise Azevedo Duarte Guimarães, "A poesia em movimento nas telas", nos remete à situação supostamente mais *contemporânea* (pelo menos num dos sentidos que este termo comporta, por contaminação com a idéia de *futuro*), ao abordar a poesia multimídia. Vendo nela o "propósito final" de uma história da visualidade iniciada no Barroco, a autora defenderá a idéia de que a poesia encontra na tecnologia seu *telos*, ao unir-se com a cinética.

O traçado desses artigos permite, portanto, constatar a insistente e fecunda interrogação que marca a crítica de poesia, hoje, solicitada a entender os estados contemporâneos de sua questão: expatriamentos para fora do "poético", subversões à ordem estética, errâncias hereditárias, reinscrições ideológicas sem valor de utopia. A necessidade de compreender a viagem e o movimento não se distingue, na base, da necessidade de entender aquilo que a poesia faz com suas linhas de partilha, de limite, de demarcação. Esse procedimento coloca, igualmente, a necessidade de reavaliar – a partir dos conflitos de valor do nosso contemporâneo – os limites já traçados pela história literária e por suas projeções de futuro.

Não parece haver dúvidas quanto à efetividade dos abalos sísmicos que vêm atingindo as fronteiras e o relevo do território poético. Se não há clareza suficiente sobre a natureza e sobre os resultados desse processo, ao reunir estes artigos, a *Revista de Letras* acredita dar uma pequena contribuição para que o problema possa ser reconsiderado ou, pelo menos, colocado em perspectiva.

Marcos Siscar
UNESP / São José do Rio Preto